



## PROGRAMA EXCELÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

*Nathalia Barbosa Limeira<sup>1</sup>; Amanda Louise Abromuzolin<sup>2</sup>; Siderly do Carmo Dahle Barbosa<sup>3</sup>*

**RESUMO:** Esta pesquisa teve como questão estruturante incentivar a melhora da qualidade da educação básica e a universalização do acesso à escola, oferecendo elementos sólidos para a construção, reconstrução e o monitoramento de políticas públicas voltadas para a Educação Básica, aliando a utilização de mídias e tecnologias educacionais ao currículo, em cidades da área de abrangência da microrregião de Maringá. O foco principal da proposta envolveu a formação de professores que atuam na educação e o uso de tecnologia em seus campos de atuação. De modo a poder melhor conhecer e estabelecer uma proposta que se ajustasse as reais necessidades na formação docente, e para viabilizar o projeto de forma sustentada. A utilização de mídias e tecnologias educacionais pelos professores representará um avanço significativo para toda a sociedade, melhorando qualitativamente os processos de ensino e aprendizagem oferecidos pelas escolas públicas. A grande vantagem do uso de mídias e tecnologias em sala de aula é levar o professor a aproximar-se do universo de seus alunos, propondo atividades e modos de aprender alinhadas as formas como estes vivenciam o mundo contemporaneamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Excelência; Formação docente.

### 1 INTRODUÇÃO

Quando olhamos, ainda que sucintamente, a história da educação no Brasil, percebemos que nem sempre a ideia de qualidade e excelência estava atrelada a ela, mas que muitas vezes, aliou-se a ideais políticos, destituídos destas categorias. Porém, atualmente, muito se tem discorrido sobre como realizar uma educação que se faça de qualidade, tendo em vistas as modificações que vivenciamos nestas últimas décadas – o avanço das novas tecnologias e a inserção da chamada Sociedade da Informação e do Conhecimento. Esta perspectiva é importante para compreendermos o objetivo desta pesquisa: como pensar em uma educação de qualidade e que se faça acessível a todos? Estas questões norteiam nossa pesquisa e inserem-se no bojo de nossas discussões.

### 2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa se valeu tanto da abordagem qualitativa quanto da quantitativa. Os dados coletados a partir da pesquisa de campo e das entrevistas deram origem às categorias que serão analisadas.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da modalidade Educação à Distância do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR, Polo de Maringá – PR. Bolsista do Programa de Indução de Bolsas (PROIND). nathalialimeira@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR, Maringá – PR. Integrante do Programa de Excelência na Educação Básica. Colaborado do Projeto (PROIND). amandabruzamolin@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora, Doutora, Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Mestrado em Gestão do Conhecimento do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR. Bolsista do Programa de Indução de Bolsas (PROIND). siderly.almeida@unicesumar.edu.br



## 2.1 MUNICÍPIOS PESQUISADOS

As cidades participantes foram: Ângulo, Astorga, Atalaia, Colorado, Doutor Camargo, Floraí, Floresta, Flórida, Iguaçu, Itaguajé, Itambé, Ivatuba, Lobato, Mandaguaçu, Mandaguari, Marialva, Maringá, Munhoz de Melo, Nossa Senhora das Graças, Nova Esperança, Ourizona, Paçandu, Paranacity, Presidente Castelo Branco, Santa Fé, Santa Inês, Santo Inácio, São Jorge do Ivaí, Sarandi, Uniflor, Jaguapitã e Porto Rico.

## 2.2 OS SUJEITOS PESQUISADOS

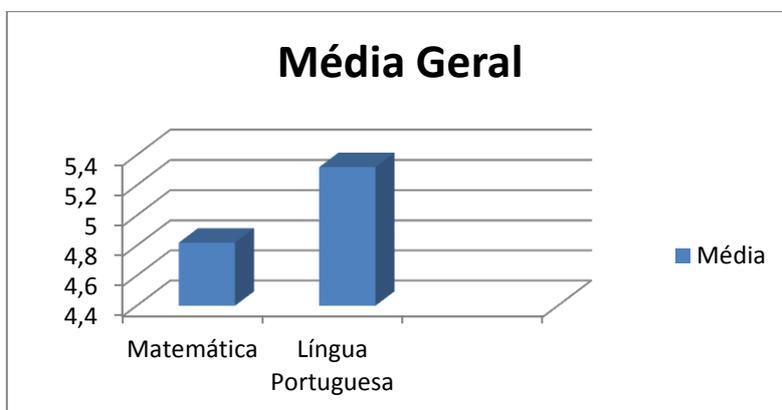
Foram pesquisados professores que atuam com os quintos anos do ensino fundamental por ser o último ano que exercem a docência com todas as disciplinas. Pretendeu-se verificar qual seu grau de conhecimento e utilização de mídias e tecnologias em sala de aula. Também foram pesquisados alunos da mesma etapa para verificar seu conhecimento e o uso que fazem das tecnologias, verificando se o fazem também com o objetivo de construir conhecimento, ainda que não tenham consciência plena disto.

## 2.3 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi realizada mediante abordagem estudo de caso, pois se trata de um estudo empírico que investiga um “[...] fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real” (YIN, 2001, p. 32), que possibilitou averiguar uma realidade, de maneira a retratar e desvendar a multiplicidade dos aspectos que permeiam determinada situação.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Em novembro de 2013 foram realizadas avaliações em 30 municípios da região noroeste do Paraná, abrangendo 124 escolas, 293 turmas e 6.726 alunos do 5º ano do ensino fundamental. Em janeiro de 2014 foram entregues os relatórios técnicos a todas as escolas.

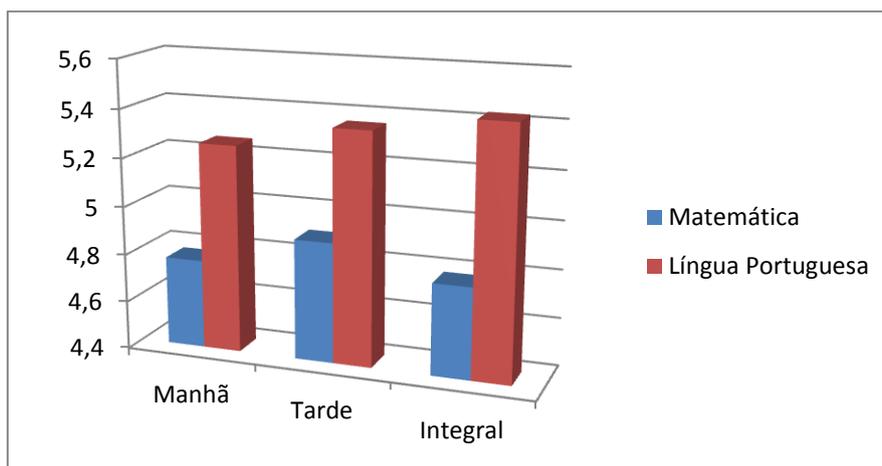


**Gráfico 1:** Média geral das avaliações



No gráfico 1 acima podemos visualizar as médias gerais das avaliações. Em Matemática, a média é de 4,82 pontos e em Língua Portuguesa é de 5,32 pontos. Pelo exposto, evidencia-se que a média geral não alcança os índices satisfatórios ou necessários se pensássemos, por exemplo, na aprovação dos mesmos, haja vista que a média mínima de aprovação nestes municípios é de 6,0 pontos.

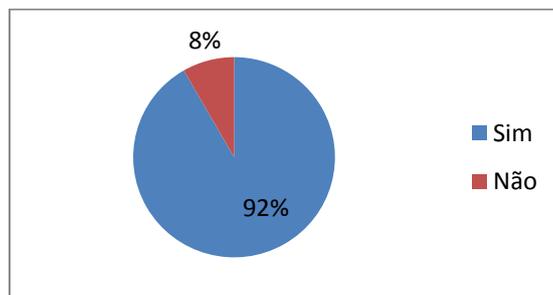
A avaliação aplicada, similar a Prova Brasil e elaborada pela Secretaria de Educação do Município de Maringá, evidenciou ainda que a média entre os alunos que têm educação integral e os alunos que estudam em apenas um período não possuem diferenças significativas, como podemos observar no gráfico 2 abaixo:



**Gráfico 2:** média dos alunos

A avaliação demonstrou que as notas referentes à Língua Portuguesa dos alunos que estudam no período da manhã (5,26 pontos) são inferiores aos dos alunos que estudam no período vespertino (5,36 pontos) e do período integral (4,78 pontos). Por outro lado, as notas referentes às avaliações de Matemática dos alunos que estudam no período integral (4,78 pontos) são próximas às notas dos alunos que estudam em período matutino (4,77 pontos).

Quanto aos questionários, a questão (*Para preparação de suas aulas, você utiliza recursos tecnológicos - computador, Internet, etc.* – gráfico 3), apontou que apenas 8% dos professores participantes não utilizam nenhum recurso tecnológico. A utilização expressiva destes recursos pelos professores defronta-se com o paradoxo de que se são utilizados no preparo por que em sala de aula não são de fato utilizados com esta expressividade pelos professores?

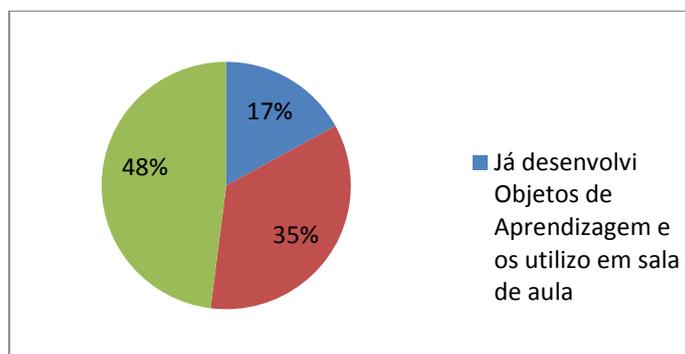


**Gráfico 3:** Utilização de recursos tecnológicos para as aulas



O uso destas tecnologias na educação, como demonstra a citação acima, abre um leque de novas possibilidades ao educador na construção e elaboração de conhecimento pelo aluno. Ocorre que de acordo com nossa pesquisa, esse uso ainda não é incorporado pelos professores.

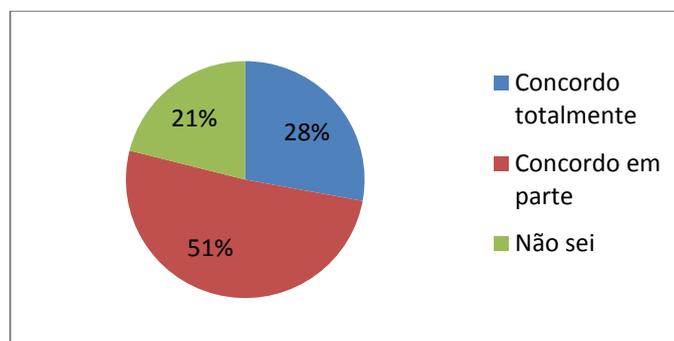
Na questão sobre objetos de aprendizagem (gráfico 4), perguntado se já criaram objetos de aprendizagem para sala de aula, 17% dos respondes disseram ja ter desenvolvido objetos de aprendizagem para uso em aula. Muitos professores perguntaram o que eram objetos de aprendizagem, pois nunca tinham ouvido falar de tal tecnologia.



**Gráfico 4:** Uso de objetos de aprendizagem

Observa-se que 35% dos professores dizem utilizar objetos de aprendizagem disponíveis na internet e quase 50% dos professores nunca utilizaram objetos de aprendizagem com seus alunos.

O próximo gráfico denota mesmo a confusão de nomenclatura que se gera, pois, voltando-nos novamente para o gráfico 3, tínhamos que apenas 8% dos professores não usam tecnologia em suas aulas, abaixo, verificamos que 28% diz não usar tecnologia na aula.



**Gráfico 5:** Novas metodologias, tendo em vista as possibilidades advindas das tecnologias

A pergunta era: Quando você começou a utilizar tecnologias em sala de aula, você passou a adotar novos métodos de ensino? Apenas 28% concordaram que sim, as tecnologias trouxeram diferenças significativas para a metodologia aplicada as aulas. 21% não soube inferir se as tecnologias ofereceram alguma diferença e 51% concorda em parte, o que leva ao perigo de estarem utilizando tecnologia apenas para “repaginar” velhas metodologias.



## CONCLUSÃO

Estas avaliações mostram-nos que precisamos repensar os caminhos que estamos dando ao ensino fundamental, no que se refere ao tempo de permanência da criança na escola. A hipótese inicial era de que os alunos em tempo de permanência integral teriam melhores resultados, afinal, passam mais tempo nesta instituição. A partir destes resultados, a equipe gestora junto com o corpo docente podem redirecionar as ações e estratégias de ensino.

A questão recai, neste sentido, tanto na gestão, quanto na formação docente.

A formação do professor é preferencialmente vista com algo prático... Com isso, a formação teórica do educador corre sérios riscos. É importante salientar que muitos de nós colaboramos com esta visão, quando simplesmente propomos a inversão da ênfase no currículo de formação do professor, defendendo o predomínio da "prática". A tendência de colocar a formação teórica na dependência dos problemas práticos, do dia-a-dia, elimina a formação teórica (e política) do profissional, convertendo-o em um *practitioner*, um "prático" (FREITAS, 1992, p. 95-6).

Diante disso, o conflito torna-se inevitável. Ele é necessário para promover questionamentos à medida que a teoria sobre a educação tende a ser menos complexa do que quando de fato olhamos a educação sobre seu viés prático, social e político. Neste sentido, quando pensamos em excelência na educação básica e no uso das tecnologias nesta etapa da educação, veremos que nem uma nem outra categoria ocorre na prática. Então, como pensar em estratégias que nos possibilitem inserir estas duas categorias no cotidiano do espaço escolar?

A qualidade da educação, geralmente centrada nas inovações curriculares e didáticas, não pode se colocar à margem dos recursos disponíveis para levar adiante as reformas e inovações em matéria educativa, nem das formas de gestão que possibilitam sua implantação. A incorporação das novas tecnologias como conteúdos básicos comuns é um elemento que pode contribuir para uma maior vinculação entre os contextos de ensino e as culturas que se desenvolvem fora do âmbito escolar.

Frente a esta situação, as instituições educacionais enfrentam o desafio não apenas de incorporar as novas tecnologias como conteúdos de ensino, mas também reconhecer e partir das concepções que os aprendizes têm sobre estas tecnologias para elaborar, desenvolver e avaliar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento de uma disposição reflexiva sobre os conhecimentos e usos tecnológicos (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 12).

O formar-se pedagogo e professor se constitui em momentos como esse, quando podemos visualizar a educação em sua amplitude e em suas particularidades, repensando seus processos e propondo melhoras que se façam visíveis na educação de nossa sociedade.

Somos sempre estagiários da vida (LIMA, 2008, p. 203). A frase parece-nos fundamental para tecer nossas conclusões. Ainda que busquemos soluções, respostas, alternativas e processos de intervenção que se façam excelentes, esta busca talvez me pareça infundável. Vivemos uma única vida e não sabemos como vivê-la antes dela mesmo acontecer. Isso se aplica à educação. Só sabemos das falhas, das certezas, incertezas, fracassos e sucessos nesta área, quando dispomo-nos a, além de olhá-la de perto, vivenciá-la. É isso que nos faz professores. Esse contínuo processo de refazeremo-



nos e que já foi salientado tanto por Cecília Meireles quanto por Simone de Beauvoir, quando afirma não nascemos humanos, mas humanizamo-nos (BEAUVOIR, 1980), que nos faz professores e indivíduos singulares. Se somos responsáveis por nossa formação, pela autoria de nosso pensamento e de nossas ações, acreditamos que ter a possibilidade de pensar de perto a educação do contexto em que vivemos, faz-nos refletir sobre nossa própria formação humana e profissional.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FREITAS, H. C. L. de. **O Trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios**. Campinas: Papyrus, 1992.

LIMA, M. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008.

MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.